

Educação

construção democrática

Maria José Lindgren Alves *

"Ai, palavras, ai palavras
Que estranha potência a vossa!
Ai, palavras, ai palavras
Sois de vento, ides no vento..."
(Cecília Meireles, *Das Palavras Aéreas*)

Palavras injustas ou maldosas deixam ecos muitas vezes profundos. Apesar de serem "de vento", é preciso ter muito cuidado com elas. Desde o primeiro governo Brizola, a escola pública de nosso Estado então renovada, restaurada, injetada de novo ânimo através do projeto Ciep (Centros Integrados de Educação Pública) tem sido objeto de polêmica e de acusações até mesmo por parte de alguns especialistas em educação.

— "Ciep é só um prédio; não tem proposta pedagógica."

— "Ciep é uma escola assistencialista apenas."

— "Ciep é uma prisão de menores."

E às palavras seguiram-se ações que foram atingindo seu objetivo cruel: a escola orisonhos de muita gente boa que ainda existe em nosso país foi sendo destruída. Esfacelaram-na por dentro, acabando com a proposta de horário integral, e, por fora, depredando seu projeto arquitetônico-símbolo. Os espectros de muitos Cieps ficaram espalhados em todo o Estado, testemunhas macabras do desrespeito à criança, à educação pública, ao patrimônio do povo.

Os Centros Integrados de Educação Pública são, sem dúvida um marco (não um *marketing*, como querem alguns) na educação brasileira. Com eles foi criado um modelo de escola pública com características tão marcantes que, até hoje, vozes vociferantes e hostis teimam em derrubá-lo. O Ciep incomoda e inquieta. Afinal, é a gente pobre que pode ter vez com este tipo de escola que é, sobretudo, dela.

Entre tropeços e percalços, no entanto, a esperança hoje vai renascendo no Estado do Rio de Janeiro. Esperança de um ensino efetivo na escola pública, de uma cidadania plena para as crianças e jovens. A escola que atende aos pobres como normalmente se atende apenas aos ricos, a escola prazerosa que dá alimento ao corpo enquanto estimula o espírito — Educação, Cultura e Saúde num projeto único e ímpar — é tão boa que já vai criando imitadores.

E não é apenas no prédio de Niemeyer ou no Ciac do governo federal que o ensino de bom nível e a educação em seu sentido mais amplo vão se dar. Também nas escolas de horário ainda parcial é possível aprimorar a qualidade do ensino, incentivar a leitura, a arte e a cultura, democratizar as relações, criar novos espaços de repensar e discutir.

Apesar da herança de professores em quantidade impressionante fora da sala de aula, de mais de 80 escolas fechadas, de inúmeras obras inacabadas, de 70% de evasão e repetência nas séries iniciais do 1º Grau, da maioria dos Cieps deformados em seu projeto inicial ou totalmente destruídos, a escola pública do Estado do Rio de Janeiro vai delineando o seu futuro. Aqui e acolá começam a aparecer diretores dispostos à transformação de suas escolas de dois turnos em escolas de horário integral. Niterói, Volta Redonda, Itaperuna, Valença, Mangaratiba começam a apontar escolas onde será possível seguir o modelo do Ciep. É a "contaminação" positiva; é a educação em marcha esperançosa.

Em nível de Ensino Básico, o Seminário de Alfabetização e Maioridade Social, já realizado em julho na Uerj, demonstrou claramente a vontade dos professores de nossas escolas estaduais de se reunirem para troca de experiências, para discussão da prática pedagógica, procurando saídas para os impasses desta área.

E uma vez que, sem professor competente, não é possível um ensino realmente eficaz, o mesmo tipo de seminário será descentralizado, difundindo-se pelo Estado afora. Já no final de setembro, ele está programado para o Norte Fluminense (Campos) de onde prosseguirá para outros polos (Nova Friburgo, Cabo Frio, Volta Redonda).

A formação continuada do professor do Ciep e das outras escolas vai-se tornando um projeto prioritário. Os Centros de Formação Continuada irão começar na Baixada Fluminense, em Nova Iguaçu, para continuarem a se expandir para outros pontos do Estado. Enlaçam-se, assim, num abraço fraterno, as escolas, as secretarias, as universidades, as demais agências culturais e educacionais do Estado, todos no desejo sincero da construção de uma escola pública melhor.

Nesta hora apavorante em que as crianças e os jovens do Brasil são exterminados, em que bebês no colo das mães e tantos outros meninos e meninas vagueiam pelas ruas, é preciso pensar grande, esquecer diferenças, descobrir todas as possibilidades de barrar o destino trágico desta criança, tirá-la do anonimato, fazê-la achar-se e não destruir-se ou ser destruída. Esta tarefa deve ser de todos — governo-sociedade, educadores.

Deixemos, pois, de lado as palavras de descrença, de desavença, de ódio que o vento vai levar, se Deus quiser, e concentremo-nos na palavra-chave para o crescimento verdadeiro da criança: *Educação*.

* Professora estadual e municipal, coordenadora do Ensino Básico da Secretaria Estadual de Educação do Rio